Magazine Europa Catarina Domingues
4 Julho 2017

I.

G20 vai reunir-se a partir de sexta-feira em Hamburgo. É um frente a frente entre Alemanha e Estados Unidos na discussão de temas como as alterações climáticas.

Câmara Baixa da Republica Checa aprova uso de armas de fogo por civis. Olhamos para esta medida que desafia as regras de controlo de armas da Europa.

E ainda nesta edição: Governo italiano diz que alcançou ponto de saturação e ameaça fechar as portas a mais migrantes.

II.

Bem-vindos ao Magazine Europa.

As 20 nações mais industrializadas do mundo vão sentar-se à mesma mesa em Hamburgo, Alemanha, a partir de sexta-feira. Esta vai ser a primeira vez que Donald Trump se vai reunir com o Presidente da Rússia, Vladimir Putin, desde que venceu as eleições presidenciais norte-americanas no ano passado.
Mas a cimeira deverá ficar marcada pelo confronto entre o líder norte-americano e a Europa, encabeçada pela Alemanha, na discussão de temas como as alterações climáticas, comércio global e o acolhimento de refugiados.
A chanceler alemã, Angela Merkel, reuniu-se entretanto com os países europeus que têm assento no G20 para preparar a estratégia para Hamburgo. Tem de haver colaboração, disse a responsável.

Angela Merkel: *Uma vez que os Estados Unidos decidiram retirar-se do Acordo de Paris sobre o clima, há claramente zonas de divergência. Mas os Estados Unidos são uma parte importante do G20 e daí que tenhamos de fazer tudo para colaborarmos com eles e não para destacarmos as diferenças.*

Merkel quer que as alterações climáticas sejam um dos principais focos da reunião. A Alemanha deverá contar com dois aliados de peso para o combate ao aquecimento global, a Índia e a China. Também com a união do bloco europeu. Emmanuel Macron, presidente francês, voltou a sublinhar a importância do combate às mudanças climáticas.

Magazine Europa Catarina Domingues
4 Julho 2017

Emmanuel Macron: *Espera-se simultaneamente muito da Europa e da sua coerência. Sobre o clima, reafirmaremos claramente o nosso forte empenho nos acordos de Paris, o nosso desejo de avançar, na esperança de que todos tenham a consciência da questão e possam seguir-nos.*

A Cimeira do G20 decorre entre sexta e sábado e promete ser um encontro muito quente…Isto numa altura em que as temperaturas na Europa também andam acima da media.
Connosco ao telefone, a partir de Bruxelas, está comentador residente do Magazine Europa, Victor Ângelo, consultor internacional baseado na capital belga.

ME: Este é o primeiro forum internacional após o anúncio de Donald Trump sobre a saída dos EUA do Acordo de Paris. Victor, o que pode fazer a Europa para garantir que os compromissos de Paris se mantêm?

VA: *A UE com a Alemanha à cabeça, aliás, quer desempenhar um papel de liderança no que diz respeito à implementação do Acordo de Paris e nós iremos assistir, quer durante a Cimeira do G20, quer nos próximos 12 meses durante a presidência alemã, iremos assistir a uma Europa muito activa em matéria de alterações climáticas.*

ME: E há ainda quem ainda tenha dúvidas sobre o papel do homem no aquecimento global? Ainda faz sentido esta posição?

VA: *Eu penso que actualmente já ninguém sério, mesmo Donald Trump, pode defender e defende essa posição. Na realidade, a posição americana vinda de Donald Trump não é que neguem a questão das alterações climáticas, mas sim que o Acordo de Paris é um mau acordo tendo em conta os interesses económicos dos Estados Unidos. Por isso, a oposição vinda do lado americano é uma oposição do tipo económico mas não uma oposição científica. Eu penso que do ponto de vista científico está hoje bem claro que o ambiente está a ser fortemente influenciado pelo consume, pelas pessoas e pela maneira como certos países se industrializaram muito rapidamente, sobretudo com base na utilização massiva do carvão.*

ME: Ao longo desta cimeira vão ser discutidos outros assuntos, alguns polémicos: comércio global, o acolhimento dos refugiados. E que papel tem o G20 neste momento na definição das grandes politicas internacionais?

VA: *Este G20 de 2017 é o G20 das divergências. Nós vamos assistir a um G20 fracturado. Por um lado, a Europa, por outro lado os Estados unidos, com grandes diferenças, não só em relação ao clima, mas por exemplo também em relação ao comércio internacional. Mas também um G20 de divergências entre a Europa e a Rússia, ou seja nós não podemos esperar que este G20 faça avançar muito a agenda global, mas no entanto é*

importante que os líderes se encontrem e que apesar das divergências, apesar da maneira muito diferente de como vêem os seus interesses internacionais, possam discutir entre eles estas questões e provavelmente o encontro periódico dos líderes permitirá pouco a pouco ultrapassar algumas das divergências. Mas neste momento temos uma situação global e nomeadamente ao nível dos países mais importantes na cena mundial, uma situação global que está extremamente dividida, muito fracturada e que provavelmente vai dar oportunidade, nomeadamente à União Europeia para ter maior visibilidade, ter um desempenho mais activo e naturalmente marcar a agenda.

III.

E na Republica Checa, a câmara baixa do parlamento concordou em alterar a constituição para legalizar a posse de armas de fogo por civis. A segurança nacional é uma das razões defendidas pelo parlamento. A medida desafia, no entanto, as regras de controlo de armas da Europa. Mais com o jornalista Marta Melo

A emenda constitucional vai dar o direito aos checos de utilizar armas de fogo durante ataques terroristas.
A proposta, aprovada por uma grande maioria, vai agora ser apreciada pelo Senado, onde de se espera também que seja aprovada.
A alteração desafia as regras europeias de controlo de armas europeu, que proíbem o uso de certos tipos de armas semiautomáticas por parte da população civil.
Mas o governo de Praga argumenta que se trata de um passo importante na luta contra o Estado Islâmico. Diz que é importante os cidadãos possuírem os meios para se defenderem contra uma possível ameaça.
Milan Chovanec, ministro do interior do país referiu que os cidadãos não devem estar desarmados num momento em que a segurança europeia esteja em risco.
A Comissão Europeia concordou em restringir as regras de acesso a armas de fogo em Dezembro e em Abril essas disposições foram aprovadas pelos ministros da administração interna dos estados membros. República Checa, Luxemburgo e Polónia opuseram-se ao acordo.
Este ano, mais de 800 mil armas de fogo estavam registadas na República Checa, um país com 10,6 milhões de habitantes.

ME: Victor, o que representa esta alteração?

VA: *Eu penso que é mais uma afirmação vinda de um país de Leste de que eles querem ser diferentes em relação ao resto da Europa e que são profundamente nacionalistas, ou seja, nós estamos cada vez mais a assistir a uma situação em que temos, por um lado, a Europa Ocidental em que há uma grande harmonia em relação aos valores básicos dos direitos humanos, da democracia, da governação e do outro lado a antiga Europa de Leste, a antiga Europa da Cortina de Ferro que ainda está muito marcada por questões de nacionalidade, por questões de pureza étnica e que em certa medida divide bastante a Europa.*

ME: Temos o exemplo dos Estados Unidos, onde existe uma cultura de uso e porte de arma pelos civis, aliás, aprovada por lei. Mas ainda no outro dia, um artigo no *The Guardian* referia que o número de vítimas de acidentes com armas de fogo que envolvem crianças que disparam sem querer nos EUA é superior ao número de vítimas de terrorismo no país. Uma alteração destas faz sentido?

VA: *Há aqui duas questões. Por um lado, a República Checa é um dos países mais seguros da União Europeia. A Republica Checa tem um índice de criminalidade muito baixo. Não tem, em princípio uma história de ataques terroristas, ou seja, ligar a questão da posse de armas à questão do terrorismo ou à questão da defesa das pessoas é um um elo que não tem justificação. Por outro lado, na cultura europeia não há a mesma maneira de encarar as armas que existe nos Estados Unidos. A verdade é que a UE, através da Comissão, desde 2015 tem insistido bastante para que a aquisição das armas de fogo se torne cada vez mais difícil. A República Checa não aceita essa directiva e está neste momento numa deriva, digamos assim, de armar a população, que é simplesmente uma maneira de acentuar a importância da agência securitária e, por outro lado, em certa medida, de dar mais autoridade ao poder em Praga, ou seja, permitir ao poder em Praga dizer aos seus cidadãos: vejam bem, nós não aceitamos tudo o que está em Bruxelas, antes pelo contrário, nós estamos muito preocupados com a vossa segurança e, por isso, decidimos alterar a lei e permitir que cada um dos cidadãos pacíficos da Republica Checa possa ter a sua própria arma.*

ME: A UE restringe o porte de armas de civis como uma medida antiterrorismo. Que resposta é que pode ter a UE no que diz respeito a esta questão?

VA: Eu penso que, novamente, a UE tem de ser muito firme e tem de lembrar não só a directiva aprovada em 2015, lembrar também a cultura democrática que existe na Europa e nomeadamente a cultura institucional no que diz respeito à defesa e à segurança das pessoas. A defesa e a segurança das pessoas faz-se através das instituições de polícia e elas são várias e nestes países, nomeadamente na Republica Checa, são instituições fortes. Não pode ser o cidadão, cada cidadão por si próprio, a tratar da sua própria segurança, porque isso, aliás, notamos nos Estados Unidos, isso leva mais tarde ou mais cedo pura e simplesmente à anarquia e a mortes em número muito superior àquilo que aconteceria se as pessoas não estivessem armadas.

IV.

E em Itália, mais de 10 mil migrantes chegaram ao país na última semana. Roma já fez um ultimato: ameaça encerrar os portos a barcos não italianos com migrantes socorridos no Mediterrâneo.

Roma diz que alcançou o ponto de saturação. Queixa-se de falta de solidariedade europeia.
A Europa entretanto já pediu a Itália mais tempo para discutir este ultimato.
Dimitris Avramopoulos, comissário europeu para a migração, referiu que a Europa está pronta a aumentar o apoio a Itália, incluindo ajuda financeira se necessária.
Também a ONU já apelou à solidariedade internacional para com Itália. O resgate e o acolhimento dos migrantes não pode ser um problema apenas italiano, disse a organização.
Desde 2014, entraram em Itália, por via marítima, mais de meio milhão de migrantes. No primeiro semestre deste ano, houve um aumento de 14% face ao mesmo período de 2016.
De acordo com um plano da União Europeia traçado em 2015, em dois anos deveriam ser recolocados cerca de 160 mil requerentes de asilo. Mas o número de pessoas já redistribuídas está aquém de 22 mil.

ME: Victor, vamos falar primeiro sobre a decisão do governo italiano? É compreensível?

VA: Em certa medida sim, na medida em que, por um lado, a Itália é neste momento o único país da UE que recebe diariamente centenas ou milhares de candidatos ao refúgio ou migração. Por outro lado, a Itália não tem tido apoio de outros países da UE no sentido do tratamento e no acolhimento dessas pessoas, e finalmente há um aspecto politico muito importante. A Itália teve recentemente - há cerca de uma semana ou duas – eleições municipais. Nas eleições municipais, todos os presidentes de câmara que eram a favor da migração perderam as eleições. E isso manda um aviso muito sério ao Governo e nomeadamente ao partido que está no Governo - ao Partido Democrático – que se não houver uma posição muito firme em relação à questão da emigração, eles irão perder as legislativas que terão lugar este ano ou no primeiro trimestre de 2018. Perder as legislativas significa ou o regresso de Berlusconi ou ainda pior, a vitória dos partidos extremistas italianos. E isso teria um impacto muito grande não só em Itália, mas em toda a Europa. Por isso, a questão da emigração é uma questão muito importante na Itália, é uma questão social, é uma questão política, mas é uma questão também que ameaça o relacionamento da Itália com o resto da União Europeia.

ME: O que deveria ser feito para inverter esta situação?

VA: A questão da emigração volta a ser esta semana a questão mais importante, a questão mais urgente na agenda europeia. A questão está, por um lado, no controlo da fronteira do Níger com a Líbia. O Níger é um país que funciona razoavelmente, que está disposto a colaborar com a União Europeia, mas é também um país muito frágil em termos da capacidade militar, em termos da capacidade de segurança, em termos de capacidade administrativa. Por isso era fundamental evitar que estes

candidatos à emigração continuem a utilizar o Níger como corredor para chegar à Líbia e depois a partir daí para chegar à Europa. E, por outro lado, é fundamental continuar a insistir em programas de desenvolvimento, nomeadamente na África Ocidental, ou seja, no Senegal, na Gâmbia, na Guiné, na Serra Leoa, em toda a parte da África Ocidental, em programas que desenvolvam esses países e criem empregos. Porque se nós verificarmos qual é a demografia das pessoas que atravessam o Mediterrâneo, vemos que a maioria são jovens do século masculino que, pura e simplesmente, não têm emprego.

ME: E agora antes de terminar e mudando de tema. Morreu na sexta passada Simone Veil, um ícone da luta pelos direitos das mulheres. Grande figura da política francesa, sobreviveu ao Holocausto e defendeu em 1974 um projecto de lei para a despenalização da interrupção voluntária da gravidez, enquanto ministra da Saúde. Foi também ela a primeira mulher a presidir, entre 1979 e 1982, ao Parlamento Europeu. Morreu aos 89 anos. Foi uma mulher à frente do seu tempo?

VA: Sim, Simone Veil foi um exemplo do que é ser uma mulher com ideais e do que é ser, ao mesmo tempo, uma mulher capaz de combinar a vida política com a vida familiar. Ela tinha dois filhos, manteve sempre uma vida familiar muito forte, muito unida, e, ao mesmo tempo, uma presença constante na cena política francesa e na cena política europeia. Temos também de ter em conta que Simone Veil vinha de uma minoria europeia, que era a minoria judaica, que conseguiu ultrapassar essa origem minoritária para ser sempre lembrada como uma cidadã europeia e não apenas como uma cidadã francesa de origem judaica. Ela conseguiu, por um lado, mostrar que é possível ser-se europeu quando se partilha e se combate por determinados valores democráticos e de respeito pelos direitos das pessoas e, em particular pelos direitos das mulheres, e conseguiu também mostrar que a Europa deve construir-se com base na igualdade dos homens e das mulheres. E ela foi certamente uma pioneira nesse grande combate que continua, que é o combate pela igualdade entre os sexos.

V.

Victor Ângelo ao telefone deste Bruxelas. E antes de terminar, uma nota cultural.
No fim-de-semana saíram às ruas de Madrid mais de dois milhões de pessoas para participar na Marcha do Orgulho Gay 2017. Aproveitamos o evento para sugerir a exposição QUEER BRITISH ART de 1861 a 1967.
A mostra pode ser traduzida como "arte gay britânica" e apresenta trabalhos relacionados com a identidade LGBT. Marca os 50 anos da descriminalização da homossexualidade naquele país.

"Queer British Art" explora a forma como os artistas se expressavam numa altura em que pressupostos estabelecidos sobre a sexualidade e o género estavam a ser questionados e a sofrer transformações.
A exposição inclui pintura, desenho, fotografia e filme e aborda temas como desejos ocultos, o desafio às convenções e o conflito entre a vida privada e a pública.
Os trabalhos de artistas como John Singer Sargent, Dora Carrington, Duncan Grant e David Hockney podem ser vistos até 1 de Outubro no Museu Tate Britain em Londres.
Ficamos por aqui, até para a semana!

[Ficha técnica]

Com edição e apresentação de Catarina Domingues, análise de Victor Ângelo e coordenação de Rui Flores, Magazine Europa resulta de uma colaboração entre a Rádio Macau e a Universidade de Macau no âmbito do projecto Jean Monnet Magazine Europa.

As opiniões aqui expressas não representam necessariamente as posições oficiais das diversas instituições da União Europeia.

O projecto Jean Monnet Magazine Europa é uma parceria entre a Universidade de Macau e o Instituto de Estudos Europeus de Macau, co-financiada pela União Europeia no quadro do Programa Erasmus +.

Estamos no Facebook em Magazine Europa.